

A PROPÓSITO DO RETRATO DE DORIAN GRAY, DE OSCAR WILDE

Ivan Bilheiro

“O livro tem muito de mim mesmo. Basil Hallward é o que eu penso ser; Lorde Henry, o que o mundo pensa que sou; Dorian, o que eu gostaria de ser”
Oscar Wilde, sobre “O retrato de Dorian Gray” em carta de 12 de fevereiro de 1894 a Ralph Payne (SCHIFFER, 2010, p. 156).

Único romance de [Oscar Wilde](#) (embora não seja sua única obra em prosa¹), escritor que se destacou especialmente na poesia e no teatro, *O retrato de Dorian Gray* tornou-se célebre, tanto pelas críticas à sociedade vitoriana da época em que foi produzido, bem como pela polêmica que gerou – muito em função do suposto tema homoerótico presente no texto. A campanha de detração, especialmente encampada por três jornais ingleses, foi encarada por Oscar Wilde com uma ampla defesa, vigorosa tanto ética quanto filosoficamente. Desta defesa, cabe aludir a uma passagem, em um escrito endereçado ao diretor de um dos jornais, em 9 de julho de 1890:

Escrevo porque escrever me dá o maior prazer artístico que possa existir. [...] Sua crítica [...] comete o crime [...] imperdoável de confundir o artista com seu assunto. [...] Keats declarou que sentia tanto prazer em conceber o mal quanto em conceber o bem. [...] É nessas condições que o artista trabalha. [...] Um artista [...] não tem simpatias éticas. O vício e a virtude são simplesmente para ele o que são, para o pintor, as cores em sua paleta (WILDE, 1994 apud SCHIFFER, 2010, p. 154).

Esta ideia da isenção ética do artista em/para sua criação, bem como a afirmação da arte pela arte, são elementos constantes em Oscar Wilde. O prefácio d'*O retrato de Dorian Gray* contém estas ideias, as quais já haviam sido elencadas pelo escritor, em uma palestra proferida nos Estados Unidos em 1882:

Nunca deveria falar-se de um poema moral ou imoral: os poemas são bem ou mal escritos, e isto é tudo². [...] Todo elemento moral ou toda referência tácita a um modelo bom ou mau em arte é [...] um sinal de evidente imperfeição de visão. [...] Uma nota discordante da harmonia de uma criação imaginativa, pois toda obra boa tende para um efeito puramente artístico [...]. Amai a arte por ela mesma (WILDE, 1995 apud SCHIFFER, 2010, p. 98-99).

Surgido da encomenda do editor americano Joseph Marshall Stoddart, feita em um jantar de setembro de 1889 – sendo que Stoddart também jantou e fez uma encomenda a Arthur Conan

1 Pode-se destacar, neste aspecto, o texto [De Profundis](#).

2 Do prefácio d'*O retrato*: “Não há livros morais, nem imorais. Os livros são bem ou mal escritos. Apenas isto.” (WILDE, 2012, p. 5).

Doyle, que o entregou o texto de *O signo dos quatro* (segundo com o personagem Sherlock Holmes) – *O retrato de Dorian Gray* foi originalmente publicado na *Lippincott's Monthly Magazine*, revista que estava sob o comando daquele editor. A obra apareceu no número de 20 de junho de 1890, e uma versão definitiva, já em livro e com seis capítulos a mais, foi publicada na Inglaterra e nos Estados Unidos em abril de 1891 (SCHIFFER, 2010, p. 150).

Curiosamente, Oscar Wilde havia conhecido o editor e também escritor J. M. Stoddart sete anos antes, tomando um drinque nos bastidores da apresentação da opereta cômica *Patience*, de Arthur Sullivan e W. S. Gilbert. Stoddart havia adquirido “a preço de ouro” os direitos da opereta que parodiava, com um de seus personagens (Bunthorne), o próprio Wilde – e que, no geral, fazia uma sátira do esteticismo (SCHIFFER, 2010, p. 108).

Segundo um dos biógrafos de Oscar Wilde, o professor Daniel Salvatore Schiffer, podem ser constatadas diversas influências n'*O retrato de Dorian Gray*, dentre as quais elencam-se aqui algumas, a fim de despertar a curiosidade e a reflexão sobre o *background* do romance wildiano.

Primeiramente, parece que o “programa”, a orientação do personagem Lorde Henry (Harry) Wotton parece ser a aplicação da “[...] célebre conclusão, a qual foi considerada como um verdadeiro manifesto em matéria de estética, subversivo em mais de um aspecto, a ponto de provocar escândalo dentro da sociedade vitoriana” contida na obra *The Renaissance: Studies in Art and Poetry*, daquele que viria a ser professor de Oscar Wilde em Oxford, Walter Pater (SCHIFFER, 2011, p. 58):

O que preconizava Pater [...]? Isto: como, à imagem do tempo, a vida é apenas uma sucessão de instantes fugazes e de situações efêmeras, todo ser humano tem o dever de viver o mais intensamente possível cada um desses preciosos momentos passageiros, de modo a colher assim, como preconizava Horácio em seu *carpe diem*, 'a experiência de si, e não os frutos da experiência' – para retomar as palavras de Lorde Henry, o qual, em *O retrato de Dorian Gray* não fazia outra coisa senão aplicar esse programa (SCHIFFER, 2010, p. 58-59).

A conclusão de Pater também contém a seguinte passagem, que encerra o hedonismo epicurista, um dos maiores componentes do pré-rafaelismo, e âmago do romance de Oscar Wilde: “o essencial não é o fruto da experiência, mas a própria experiência. [...] O sucesso de uma vida é queimar perpetuamente com essa chama [...], manter o êxtase [...]. Uma tal sabedoria é o privilégio quase exclusivo da paixão poética, do desejo pela beleza, do amor da arte pela arte” (PATER, 1910 apud SCHIFFER, 2010, p. 59).

Também no percurso do personagem Dorian Gray, Schiffer (2010) detecta a expressão do que chama de “ideia (ou teoria) das duas postulações simultâneas de Baudelaire”. De fato, Oscar

Wilde foi bastante influenciado pela obra de Baudelaire, e não seria nada forçado perceber sua influência no texto wildiano. Assim, parece que Dorian Gray reflete bem o que escreveu Baudelaire em *Meu coração desnudado*: “Há em todo homem, a qualquer hora, duas postulações simultâneas, uma para Deus, outra para Satã. A invocação a Deus, ou espiritualidade, é um desejo de subir; a de Satã, ou animalidade, é uma alegria de descer” (BAUDELAIRE, 1968 apud MELLO, 2001, p. 99)³.

Quanto ao livro “pernicioso” (WILDE, 2012, p. 233) dado a Dorian Gray por seu mentor Lorde Henry Wotton (WILDE, 2012, p. 134 ss.), trata-se do texto que tanto tocou Oscar Wilde e é listado entre seus prediletos: *Às avessas* (1884), de Huysmans. Umberto Eco chega a falar que, entre outras coisas, *O retrato de Dorian Gray* é “[...] uma ampla cópia (embora indiretamente confessa) de *À Rebours* [*Às avessas*] de Huysmans” (ECO, 2003, p. 75). De fato, “[...] foi precisamente em *Às avessas* [...] que *O retrato de Dorian Gray* se inspirou em muitos de seus capítulos” (SCHIFFER, 2010, p. 150). O personagem principal da obra *Às avessas*, Des Esseintes, é até apresentado como o alter ego do protagonista do romance wildiano. (SCHIFFER, 2010, p. 130).

Aliás, a relação Gray-Wotton é digna de nota em dois aspectos. Primeiramente, especula-se que, embora o livro tenha sido escrito antes que Wilde conhecesse aquele que foi seu amante e, em certa medida, responsável por sua decadência, Lorde Alfred Douglas (Bosie), a relação dos personagens do romance seria um prenúncio desta ligação amorosa da vida real: “*O retrato de Dorian Gray* [...] é o retrato da vida que Oscar Wilde e Alfred Douglas preparavam-se para levar, ou melhor, que Oscar Wilde esperava poder levar com um Dorian Gray ainda não encarnado” (GATTÉGNO, 1992 apud SCHIFFER, 2010, p. 159). Em segundo lugar, deve-se perceber a posição efetivamente mefistofélica que Lorde Henry assume, com sua “filosofia aforística”, em relação a Dorian:

Se é verdade que o decadentismo francês desempenha um papel primordial na gênese e na escrita de *O retrato de Dorian Gray*, é numa das figuras mais emblemáticas do romantismo alemão – embora mesclado do gótico inglês – que esse romance se inspira sobremaneira: o *Fausto*, de Goethe (SCHIFFER, 2010, p. 155).

De fato, a “busca desesperada da juventude eterna – ainda que ao preço de uma trágica condenação (o inferno para Fausto, o suicídio para Dorian) – [...] constitui o tema central das obras de Goethe e Wilde” (SCHIFFER, 2010, p. 155). Além disso, como referido, a posição de Harry é mesmo aquela desempenhada pelo próprio Mefistófeles no texto de Goethe. O acompanhamento do processo de decadência, rumo à condenação final, bem como os conselhos dosadamente inoculados,

3 Vide, por exemplo, a reflexão do personagem Lorde Henry Wotton: “Alma e corpo, corpo e alma – como eram misteriosos. Havia animalismo na alma e o corpo tinha seus momentos de espiritualidade” (WILDE, 2012, p. 66).

são expressão deste papel. Inclusive, é interessante notar a semelhança dos desejos expressos por Dorian e por Fausto a seus respectivos mentores, o que não deixa de representar o começo de uma caminhada decadente. Dorian diz: “Você, que conhece todos os segredos da vida, diga-me como poderei enfeitiçar Sibyl Vane, para que me ame!” (WILDE, 2012, p. 63); enquanto Fausto é enfático: “Ouve, quero aquela moça, e para já!” (GOETHE, 2003, p. 152 [v. 2619])⁴.

O biógrafo Daniel Schiffer faz ainda alusão a quatro elementos que compõem o enredo do romance de Wilde e que teriam sido reflexos de experiências do próprio escritor: a atração pela estética do catolicismo, que Dorian demonstra ao oscilar em direção àquela religião (WILDE, 2012, p. 141-142), foi mesmo experimentada por Oscar Wilde durante boa parte de sua vida (SCHIFFER, 2010, p. 72-73), sendo que a conversão só ocorreu efetivamente no leito de morte (mesmo aparecendo já nos relatos da obra *De profundis*).

Além disso, o ateliê do artista Basil Hallward, onde Lorde Henry conhece Dorian quando este está posando para o fatídico retrato, teria sido inspirado no ateliê do pintor Giuseppe De Nittis; o fumatório de ópio que Dorian gostava de frequentar, aquela “[...] espelunca, perdida nos covis torpes do velho porto de Londres, em algum lugar entre as docas e os bordéis [...]” (SCHIFFER, 2010, p. 128) seria um reflexo de um antro do vício que o próprio Wilde chegou a frequentar, chamado Château Rouge.

Por fim, um aspecto ao mesmo tempo curioso e controverso. Segundo afirma Schiffer (2010, p. 144), o personagem Dorian Gray seria inspirado no poeta John Gray, a quem Wilde conheceu em 1889. Chegou-se mesmo a afirmar que o poeta seria mais um dos amores de Wilde, daí a “homenagem” no livro⁵, mas a história ainda é posta sob suspeita.

Como conclusão, é possível mesmo dizer que o livro *O retrato de Dorian Gray* é não só um texto interessante como uma das portas para o rico universo da vida de Oscar Wilde, que exerce quase tanto fascínio quanto sua obra literária – se não chegar mesmo a superá-la. Estão ali encerradas diversas experiências e leituras do escritor, bem como grande parte de sua filosofia do estetismo. A arte imitando a vida, ou a vida imitando a arte⁶?

4 O desejo de Fausto por sua amada Margarida, relatado a Mefistófeles, fica mais claro ao longo de toda a cena “Rua”, compreendida entre os versos 2605 e 2677 (GOETHE, 2003, p. 152-156).

5 Conforme se pode ver no texto *Oscar Wilde: um viajante pelo lado sombrio da vida* (2012).

6 Do famoso aforismo wildiano: “A Vida imita a Arte bem mais do que a Arte imita a Vida”. Trata-se de uma ideia desenvolvida no texto *A decadência da mentira* (2012).

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. Wilde. Paradoxo e aforismo. In: _____. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 63-81.

GOETHE, Johann W.. **Fausto**. Tradução de João Barrento. 2. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Algumas questões sobre a arte. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 99-101, jul./dez. 2001. Disponível em <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n3_Elizabeth.pdf>. Acesso em 14 fev. 2013.

Oscar Wilde: um viajante pelo lado sombrio da vida. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2000/not20001125p2815.htm>>. Acesso em 15 fev. 2013.

SCHIFFER, Daniel Savlatore. **Oscar Wilde**. Tradução de Joana Canêdo. Porto Alegre: L&PM, 2010. (L&PM Pocket).

WILDE, Oscar. **A decadência da mentira**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000852.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2013.

_____. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução de Lígia Junqueira. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.